

A intersubjetividade na pesquisa qualitativa

Interlocução com o método Bick de observação

Intersubjectivity in the qualitative research

Interlocution with Bick's Infant Observation

Rafaella Botelho Cursino
Universidade Católica de Pernambuco
Recife, Brasil
rafaellacursino@gmail.com

Marisa Amorim Sampaio
Universidade Católica de Pernambuco
Recife, Brasil
marisasampaio@hotmail.com

Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas
Universidade Católica de Pernambuco
Recife, Brasil
crisamaz@gmail.com

Elizabete Regina Almeida de Siqueira
Universidade Católica de Pernambuco
Recife, Brasil
betesiqueira1@gmail.com

Resumo- A pesquisa qualitativa vem evidenciando paradigmas de pensamento renovados, especialmente quanto à necessidade de interlocução com métodos que incorporem a experiência intersubjetiva construída em campo. Na produção de sentidos, os processos de comunicação e interpretação podem ser vistos como uma construção sociocultural, um empreendimento coletivo, interativo, marcado também pelas condições relacionais e psíquicas dos sujeitos. Este trabalho apresenta uma caracterização teórico-metodológica do método Bick de observação, desenvolvendo interlocução com a intersubjetividade no campo da pesquisa qualitativa. Algumas contribuições psicanalíticas na compreensão das experiências intersubjetivas são apresentadas, em especial o conceito de “terceiro sujeito intersubjetivo” de Thomas Ogden. O Bick instrumentaliza o pesquisador nas habilidades de espera e de contenção emocional, auxiliando-o na captação e compreensão da dinâmica transferencial/contratransferencial, transformando o intersubjetivo em conhecimento científico. Destaca-se a alteridade fruto do processo de pesquisa, da transformação do impacto emocional sofrido na situação de observação em elaboração psíquica, construindo um texto que não é mais o observador, nem tampouco os que foram observados, mas um terceiro resultante dos movimentos de aproximação e afastamento.

Palavra- Chave: Pesquisa qualitativa, Observação, Psicanálise.

Abstract - Qualitative research has been facing renewed paradigms of thinking, especially regarding the need for dialogue with methods that incorporate the intersubjective experience built in the field work. In the production of meaning, the processes of communication and interpretation can be seen as a social and cultural construction, a collective enterprise, interactive, also marked by relational and psychological realities of the subjects. This paper presents a theoretical and methodological characterization of Bick's Infant Observation,

developing a dialogue with intersubjectivity in the field of qualitative research. Some psychoanalytic contributions in understanding the intersubjective experience are presented, especially the concept of the “intersubjective analytic third” from Thomas Ogden. Infant Observation helps the researcher develop skills such as being able to wait and to restraint emotion, capturing and understanding the dynamics of transference and countertransference, transforming the intersubjective space into scientific knowledge. Otherness stand out from the research process, fruit of the transformation of the emotional impact from the observation, building a text that is no longer the observer, nor those observed, but a third, a result from the movements of approximation and separation.

Keywords: Qualitative Research, Observation, Psychoanalysis.

I. INTRODUÇÃO

Na produção do conhecimento não lidamos com um conceito único de ciência, porém com paradigmas de pensamento renovados e uma diversidade de métodos. Parte das pesquisas no âmbito da saúde e das ciências humanas utiliza abordagem epistemológica aproximada ao campo qualitativo. Isso as diferencia das ciências naturais em relação às questões filosóficas, como também no perfil do pesquisador, na construção do campo e nos significados advindos deste.

No que concerne aos métodos qualitativos aponta-se a ausência de um modelo único e acabado. Esses não constituem em si uma ideologia ou corrente de pensamento, estão ligados a linhas teóricas diversas, com pressupostos e técnicas peculiares. O significado assume um sentido simbólico, antropológico, social, com função organizadora. Refere-se ao

modo como as pessoas apreendem a si mesmas e as suas experiências, dando sentido ao mundo em que vivem [1].

A pesquisa qualitativa se ocupa em investigar os sentidos e as significações humanas produzidas nos comportamentos, nas práticas e nas instituições, por meio de uma escuta diferenciada e singular [2]. A qualidade associada a esse tipo de pesquisa remete ao rigor consciente na busca por coerência e consistência de suas construções, bem como ao dinamismo inconsciente presente no campo, articulando um diálogo intrapsíquico e intersubjetivo nas práticas e interações, desvelando facetas singulares do objeto de pesquisa. Na produção de sentidos, os processos de comunicação e interpretação podem ser vistos como uma construção sociocultural, um empreendimento coletivo, interativo, marcado também pelas condições relacionais e psíquicas dos sujeitos.

A metodologia clínico-qualitativa tem sido considerada um refinamento dos clássicos métodos qualitativos das ciências humanas na medida em que articula métodos clínicos e teorias epistemológicas elaboradas para a pesquisa nas áreas sociais, ancorada em três pilares (atitude clínica, existencialista e psicanalítica). Destaca-se a atitude psicanalítica que se refere ao uso das concepções vindas da dinâmica inconsciente, para a construção, aplicação de instrumentos e discussão dos resultados. As angústias, ansiedades e sentimentos vivenciados pelo pesquisador são levados em consideração nesta abordagem. Torna-se imprescindível acolher e investigar o clima emocional vivenciado pelos protagonistas da pesquisa, pois o que está em jogo, portanto, é a intersubjetividade vivenciada no campo transferencial [3].

No contexto da pesquisa em psicanálise, situamos o Método de Observação da relação mãe-bebê (ou Método Bick), desenvolvido pela Psicanalista Esther Bick em 1948. Considerado como parte estabelecida da formação em psicoterapia/psicanálise e na educação continuada, o método Bick tem sido cada vez mais utilizado na pesquisa e no ensino, em conjunto com sua indubitável aplicação clínica e seu potencial como fonte de conhecimento teórico e geração de novas hipóteses [4, 5, 6, 7].

O método Bick inovou ao deslocar o foco de trabalho para o observador, no impacto emocional causado nesse. Foi a partir das observações de bebês que Bick desenvolveu conceitos que remetem à possibilidade de entrelaçamento entre a metodologia da observação e a teoria psicanalítica, reforçando que o trabalho de pesquisa na psicanálise é intrínseco ao da experiência clínica.

O uso desse método como uma forma de pesquisa surgiu cerca de 50 anos depois do seu papel na formação [8]. Apesar de serem apontadas diversas aplicações potenciais e atuais nos âmbitos da saúde, educação e no social, é consenso que o método ainda pode se expandir no meio acadêmico brasileiro [9].

Este trabalho busca discutir a intersubjetividade no campo da pesquisa qualitativa, desenvolvendo interlocução com o método Bick de observação.

II. CARACTERIZAÇÃO E CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA OBSERVAÇÃO BICK

O método Bick foi desenvolvido como parte da formação de psicoterapeutas de bebês e de crianças na Clínica Tavistock (Londres). Foi posteriormente adicionado e ainda é empregado em diversos Institutos de Formação em Psicanálise, inclusive no Brasil. A experiência possibilitaria ao estudante observar o desenvolvimento de um bebê desde o nascimento até meados de dois anos em seu ambiente familiar, acompanhando como se originam e desenvolvem as relações entre o bebê, a mãe e os demais cuidadores [10].

Bick considerava importante a objetividade científica na observação e o uso da experiência subjetiva do observador na compreensão dos dados, refinando sua capacidade para perceber as realidades psíquicas primitivas [11]. O método tem por objeto não apenas a atitude manifesta, mas também as reações intra e intersíquicas do observador, propiciando uma nova percepção das realidades observadas, oferecendo novas vias de pensamento [10].

O método em si é simples, porém se constitui numa complexa experiência que inclui três etapas [10, 11, 12, 13]: observação no ambiente natural, escrita e supervisão. Houzel [14] pontua que essas três etapas retomam os três tempos do processo de pensamento descritos por Freud: o tempo da atenção, o tempo da inscrição e o tempo de julgamento, minimizando o risco de curto-circuito ou de choque desses sob o efeito das ansiedades do observador.

Nos moldes originais, a etapa de observação é desenvolvida na casa do bebê, com tempo de duração médio de uma hora, uma vez por semana. O intuito é observar o desenrolar das relações mãe-bebê-família em seu ambiente natural, mediante postura de abstinência, não intrusiva, não crítica, sem o intuito de mostrar conhecimentos. Essa atitude estimula a mãe para que encontre seu jeito próprio de entender e lidar com as necessidades do bebê.

Essa postura implica o observador numa receptividade psíquica para o que ocorre à sua frente e, fundamentalmente, intra e intersiquicamente. Ao mesmo tempo em que se identifica ora com a mãe, ora com o bebê, o observador se prestará para as projeções de aspectos do mundo interno da mãe. O bebê transmite estados emocionais primitivos que devem ser transformados psiquicamente; o observador recebe, com sua afetividade, sua fantasia e até seu próprio corpo, essas “comunicações” positivas e negativas. A postura receptiva facilita as projeções, potencializando o processo transferencial. Entende-se por transferência a repetição e reatualização de protótipos de relacionamentos infantis vivida com um sentimento de atualidade não somente no setting terapêutico, mas em todas as relações [15].

Dessa postura decorre um importante desdobramento de cunho ético e preventivo: a presença de um observador sensível pode ajudar em situações em que a família não consegue ser um “bom continente” (no sentido descrito por Bion). Com sua disponibilidade, mesmo sem produzir intervenções explícitas, o observador estimula a mãe a olhar o

filho pelo que ele é por si próprio, podendo ajudá-la também a se organizar psiquicamente [16, 17].

É fundamental que o observador experimente o impacto emocional das relações estabelecidas, sem dar conselhos, aprovação ou desaprovação diante do que observa. Sua presença deve causar menor distorção possível do meio familiar, e, para isso, o observador deve apenas observar, despidendo-se de hábitos terapêuticos e se permitindo impregnar por uma realidade sensível - sons, cores, atmosferas emocionais - [10]. É reconhecida, portanto, a importância da contratransferência, compreendida como o conjunto de reações inconscientes do analista ao analisando e, mais particularmente, à transferência deste [15].

O segundo momento é o tempo da escrita, que acontece após a visita, sem que se comprometa a atenção livre no primeiro momento do método. O ato de observar, considerando a atenção flutuante e não focalizada, permite que o observador tenha maiores condições de perceber as demandas emocionais da mãe e do bebê. Deve-se registrar detalhadamente tudo o que recordar, o que causou impressão e os afetos experimentados naquele tempo.

A meticulosidade dos registros implica no cuidado de não se deduzir os sentimentos do bebê muito rapidamente, evitando perder a “evidência” na qual a interpretação se baseará; os comentários do observador podem enriquecer ou distorcer o material, precisando estar sujeitos a uma análise cuidadosa. Desse modo, as angústias, ansiedades e impressões vividas na relação transferencial e contratransferencial, ou seja, na intersubjetividade, será considerado alvo de análise na supervisão [5].

No terceiro tempo, o da supervisão, ocorre semanalmente com o grupo de observação, de preferência com um psicanalista experiente que o coordena. A supervisão é dirigida a dois focos: aquilo que é observado (a dupla mãe-bebê) e o instrumento de observação (o próprio observador, as projeções introjetadas). É o momento de reflexão e elaboração, ocasião na qual se busca reconhecer, compreender e conter os fenômenos transferenciais em jogo, pré-condição para o entendimento das situações familiares. Com base nisso poderá organizar e dar sentido às vivências e projeções, podendo resgatar a função do observador, sem atuar um papel, de modo a que sua participação psíquica intensa não inviabilize a construção de hipóteses e o próprio *setting*.

A supervisão dará o suporte ético, favorecendo que o observador possa suportar a própria angústia e a angústia dos pais, fazendo uso positivo dos fenômenos transferenciais. “*O maior risco que o observador corre é o de se impermeabilizar, na tentativa de proteger-se de sentimentos suscitados pela observação*” [18; p. 28].

Esse espaço propicia a percepção de padrões aparentes, mas só devem ser aceitos como significativos se repetidos em situações semelhantes em observações posteriores da mesma família [10]. O princípio central do método está na primazia da descoberta em relação à explicação: não se buscam explicações antes de ver um padrão emergir, apoiando-se em observações consecutivas. Deve-se adotar uma atitude de

espera, tolerância e paciência frente ao desconhecido e ao “não saber”, aguardando que sentidos surjam a partir da regularidade do acompanhamento e da compreensão sobre as “verdades psíquicas”, sem ideias pré-concebidas, podendo-se perceber a singularidade de cada relação mãe-bebê [9].

O supervisor e o restante do grupo, por meio de associações livres e escuta flutuante, buscam “iluminar o inconsciente” do observador. Quando este processo prossegue, surge um novo sentido, surpresas compartilhadas, inéditas, que sinalizam novas verdades psíquicas e possibilidades de acesso às mesmas [12].

Nos moldes clássicos não é desenvolvida intervenção interpretativa (no sentido psicanalítico), uma vez que o objetivo é compreender aspectos do fenômeno transferencial, porém não trabalhá-lo interventivamente, diferente da técnica interpretativa utilizada na clínica, que busca pôr em evidência e modificar o curso das motivações inconscientes das repetições transferenciais [19].

Nesse sentido, não se admite a ideia de neutralidade do observador. Este se inclui na cena observada e realiza uma efetiva participação, não interventiva, mas vivenciada. A ele se endereçam mensagens verbais ou não verbais, emoções, sofrimentos, desejos e medos. O pesquisador está inserido e contextualizado sócio-historicamente e também psiquicamente na realidade, pois é parte dela. A realidade sempre nos escapa; somos seres interpretativos, captando a realidade reconstrutivamente [20].

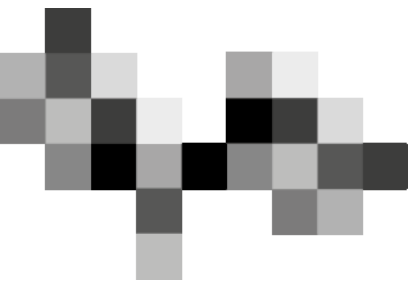
O Bick tem sido utilizado para a pesquisa tanto em seu formato original, como também de modo adaptado. Foram desenvolvidas diversas variações no *setting*: local, duração e frequência das observações, porém os requisitos básicos dos três momentos são respeitados. Essa variedade e expansão de *settings* tem por trás a ideia de focar situações de risco psíquico e/ou social. Algumas pesquisas fazem uso do Bick em conjunto com outras técnicas de investigação, como, por exemplo, a realização de entrevistas.

III. *INTERSUBJETIVIDADE NA PESQUISA QUALITATIVA E EM PSICANÁLISE: INTERFACES COM A OBSERVAÇÃO BICK*

As primeiras tentativas de promover um diálogo entre o Bick e a pesquisa empírica foram impulsionadas pelo valor científico atribuído aos seus aspectos teórico-metodológicos - postura do observador, construção longitudinal e regularidade das observações, constância do *setting*, sistematicidade da escrita, profundidade e triangulação da supervisão - constituindo um processo gerador de hipóteses que se liga a um corpo teórico.

Maltz [16] destaca que as “conjecturas imaginativas” estimulam a troca de ideias, exercitando a reflexão, pois tratam de hipóteses sujeitas à confirmação / modificação no curso do processo, guiando com cuidado o observador. Apesar disso, o potencial do Bick como método de investigação em pesquisa e aperfeiçoamento da sensibilidade do pesquisador tem sido pouco explorado [4, 21, 22, 23].

Rustin [21] desenvolveu comparação entre a postura não intrusiva, receptiva e não intervencionista do observador,



como propõe o Bick, e a postura geralmente utilizada na etnografia. Price & Cooper [23] chegam a caracterizá-lo como uma forma de etnografia, referindo-se à riqueza do trabalho de campo.

A intersubjetividade foi alvo de discussões teórico-metodológicas acaloradas no campo da pesquisa qualitativa, ora sendo defendido o frio distanciamento do pesquisador - que deveria assumir uma postura neutra e objetiva para apreender totalmente a realidade pesquisada - ora conclamando-se ao contato caloroso com os sujeitos [24]. Autores de tradição antropológica creditam importância na identificação do pesquisador com os pesquisados, pois é a partir dela que se pode apreender “de dentro” as categorias culturais, sendo este o cerne da abordagem antropológica [25, 26].

O consenso atual destaca o contato direto, pessoal, com o universo investigado, tentando “pôr-se no lugar do outro” para captar vivências e experiências particulares mediante mergulho em profundidade [27], pressupondo o convívio e o intercâmbio de experiências primordialmente por meio do olhar, falar, sentir, vivenciar, experimentar [24].

A ideia de “mergulho em profundidade” remete às questões do tempo no campo e da distância entre pesquisador e observado. Certos aspectos de uma cultura e de uma sociedade não aparecem à superfície, demandando um esforço mais detalhado de observação e empatia [27] para transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico”, incorporando aspectos extraordinários, prontos a emergir no relacionamento [28].

Apesar de valorizar a identificação pesquisador-sujeito, Cardoso [27] aponta riscos: explicar a comunidade por meio de categorias nativas (numa fusão total do discurso do investigador com o grupo investigado), fugindo da análise antropológica; passar da “observação participante” para a “participação observante”, resvalando até para uma atitude militante, deixando de lado a reflexão teórica sobre os caminhos da observação participante; limitar-se a uma autoanálise. A autora considera que merece discussão a questão do uso da subjetividade do pesquisador como instrumento de conhecimento, sendo esse um debate produtivo à discussão metodológica. *“A subjetividade que não fomos treinados para controlar teima em se fazer presente (...) porque ninguém mais defende a noção de ‘neutralidade’ que os manuais positivistas propunham como condição da ciência”* [27, p. 104].

Construtos teóricos utilizados na metodologia qualitativa reforçam a importância do envolvimento intersubjetivo entre pesquisador e objeto de pesquisa. A reflexividade ou espiral da interpretação e efeitos da presença do pesquisador nos resultados da pesquisa [29], remete à *“atenção constante sobre como e o que ocorre no contexto empírico afeta o pesquisador e sua obra o que, por sua vez, afeta o campo e a vida social”* [30, p. 1104].

Podem ser distinguidas a reflexividade pessoal (sobre quem sou eu-pesquisador e como meus interesses e valores incidem no delineamento da pesquisa e nas interpretações) e a

reflexividade funcional (volta-se para a comunidade e cultura e para a maneira como “quem somos” influi no processo de pesquisa e em seus resultados). O princípio geral é que não é possível isolar o conhecimento produzido da pessoa que o produziu, já que tanto o investigador quanto os participantes são simultaneamente sujeito e objeto de investigação.

A prática da reflexividade deveria ser permanente, remete a uma postura de respeito para com seus interlocutores. Desse modo, a reflexividade estaria associada ao rigor, à validade e à ética no processo de pesquisa, por meio da qual o pesquisador buscaria compreender e avaliar o impacto de sua presença e papel, deixando claro seu processo e a orientação teórica no estudo.

Apesar de se admitir que a intersubjetividade e a reflexividade sobre os vários componentes da pesquisa são importantes, ferramentas conceituais da psicanálise só passaram a ser utilizadas na pesquisa qualitativa de modo explícito há poucos anos, ainda assim com várias controvérsias. Estudos advindos da perspectiva psicossocial buscam examinar a “psico lógica” [31] presente nas relações singulares no campo, tal como por meio de conceitos e princípios psicanalíticos como ferramentas para compreender aspectos centrais de fenômenos sociais. Admite-se que os encontros de pesquisa são influenciados por afetos diversos: ansiedade, medo, tédio, etc, que podem ser produto da relação pesquisador-sujeito, co-produzidos, ou trazidos à relação por um dos participantes, podendo ser pensados até mesmo como defesas (repressão, negação). É fundamental mencionar o reconhecimento de que alguns desses sentimentos não podem ser acessados via pensamento consciente, pois seguem a lógica não-verbal, inconsciente.

O método Bick é citado por autores dessa perspectiva [31, 32] e por outros de tradição antropológica [23] como importante fonte de achados científicos, podendo trazer *insights* previamente menosprezados em disciplinas que agora abrigam o acréscimo de cor, imaginação e emocionalidade, sem perder o rigor intelectual e a clareza da estrutura.

Alguns postulados que estão na base do Bick, como a postura de espera, a sistematicidade e o envolvimento consciente e inconsciente do pesquisador rigorosa e processualmente analisado, podem contribuir não só para o aprimoramento de metodologias nas quais o pesquisador ocupa papel de destaque, permitindo que o sentido surja com o tempo e na articulação entre intersubjetivo e intrapsíquico [8], mas também para uma melhor prática clínica [18].

A respeito da intersubjetividade, Coelho Junior, Salem & Klautau [33] advertem que apesar de seu crescente e largamente debatido uso na psicanálise e em sua interface com outros campos de estudo, como a psicologia do desenvolvimento e as neurociências, esse ainda é um conceito relativamente novo, sem que se tenha chegado a um acordo sobre sua definição. Tem sido usado para designar diferentes processos ou diferentes aspectos de um mesmo processo, seja no processo analítico, seja nas relações iniciais do bebê com o outro. A ideia geral remete ao que ocorre entre uma dupla em interação, num processo co-construído mediante imbricação

dos mundos internos desses sujeitos, apesar da inegável assimetria entre eles.

André Green e Thomas Ogden são alguns dos autores que utilizam essa terminologia, aprofundando-a com a formulação “terceiro analítico”. Ogden [34] chama atenção ao que se passa no processo analítico quando três subjetividades estão em jogo: a subjetividade do analista, a do analisando e a do terceiro analítico. Essa última remete ao que é criado entre analista e analisando, ao mesmo tempo em que ambos são criados pelo “terceiro sujeito intersubjetivo”. Essa experiência não remete a uma relação entre dois sujeitos, mas a um novo sujeito, fruto da relação dialética entre subjetividade e intersubjetividade [34], numa mútua constituição. O que ocorria na relação entre os sujeitos, agora ocorre como experiência de um terceiro sujeito [35].

Nesse processo destaca-se o papel da identificação projetiva, amplamente reconhecida na observação Bick, compreendida por Ogden como uma dimensão de toda intersubjetividade, às vezes como qualidade predominante da experiência, outras somente como um sutil pano de fundo [35]. Estão em jogo sensações e formas simbólicas associadas a experiências não-articuladas que vão ganhando forma na intersubjetividade do par analítico, na criação do terceiro-analítico [36].

Nessa dimensão intersubjetiva denominada por Coelho Junior e Figueiredo [37] como “transsubjetiva”, a alteridade é inaugural, uma experiência de acolhimento e sustentação fruto de um solo transsubjetivo, anterior à possibilidade de relação ou de oposição entre um eu e um outro. A alteridade surge, portanto, como constituinte das experiências subjetivas, alcançada mediante “*um processo de análise bem sucedido que envolve a superação do terceiro e a reapropriação das subjetividades (transformadas) pelos participantes como indivíduos separados (e, ainda assim, interdependentes)*” [34, p. 106].

Numa reflexão ainda inicial entre o terceiro sujeito intersubjetivo de Ogden e a construção do *setting* observacional no Bick, poder-se-ia pensar os diversos processos intersubjetivos em jogo ou os níveis diferentes de identificação: mãe e bebê, observador e mãe, observador e bebê, o grupo de observação e esses atores. Destaca-se a alteridade fruto do processo de pesquisa, resultante da transformação do impacto emocional sofrido na situação de observação em elaboração psíquica (tanto do observador como dos sujeitos), construindo um texto/significados que reflete uma alteridade que não é mais o observador, nem tampouco os que foram observados, mas um terceiro resultante dos movimentos de aproximação e afastamento. Do mesmo modo que “*um bebê é algo que não existe*” - ou não existe sem os cuidados maternos - [38, p.39], ele vai se construindo por meio/com a mãe/ambiente, na mediação entre processos interpessoais como identificação projetiva, preocupação materna primária, relação especular, relação com objetos transicionais, dentre outros fenômenos [36], metaforicamente falando poderíamos dizer que uma observação é algo que não existe por si só, seria uma criação intersubjetiva nos termos de

Ogden, numa interdependência entre subjetividades e intersubjetividades.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável o potencial do Bick para gerar novas ideias e contribuir com discussões teóricas, lançar luz sobre elementos latentes da comunicação consciente e interações inconscientes.

O método Bick foi desenvolvido a partir de pressupostos psicanalíticos, tendo como ferramenta principal o contato íntimo entre pesquisador e mãe-bebê-família, submetido ao pensamento autorreflexivo do modo mais metuculoso possível. É por meio de um enquadre cuidadosamente construído, avaliado e analisado que o inesperado vem à tona com base na intersubjetividade.

A postura do observador é fruto de uma visão segundo a qual a linguagem para expressar estados psíquicos não é apenas verbal, mas essencialmente pré-verbal; e que a comunicação por identificação projetiva é a matéria prima do trabalho intersubjetivo. Privilegia-se a escuta, a observação, a continência emocional do observador diante da transferência e da contratransferência, considerando serem esses os instrumentos que favorecem a experiência intersubjetiva, promovendo a transformação de elementos pré-verbais em narrativas, favorecendo, numa perspectiva preventiva, a contenção da dupla mãe-bebê.

O Bick instrumentaliza o pesquisador em suas habilidades de espera e de contenção emocional, auxiliando-o na captação e compreensão da dinâmica transferencial, transformando o intersubjetivo em conhecimento científico. São considerados os diversos sentidos advindos das interações em campo, constituindo um processo gerador de hipóteses trianguladas e inter-relacionadas, que se ligam a um corpo teórico.

Destaca-se a alteridade fruto do processo de pesquisa, da transformação do impacto emocional sofrido na situação de observação em elaboração psíquica, construindo um texto que não é mais o observador, nem tampouco os que foram observados, mas um terceiro resultante dos movimentos de aproximação e afastamento.

Se o reconhecimento da singularidade é uma característica desejável ao encontro humano, existiria uma questão ética implícita nesse método de observação, presente tanto em sua utilização enquanto instrumento de pesquisa, como no aperfeiçoamento pessoal.

Estima-se que o Bick possa contribuir no aprimoramento de metodologias que têm no pesquisador seu principal instrumento, refinando sua capacidade de observação e construção de significados no campo, por meio da valorização de angústias vividas no processo intersubjetivo entre pesquisador e sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] M. C. S Minayo, O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 9ª edição, 2007.
- [2] F. Herrmann and T. Lowenkron, Pesquisando com o método psicanalítico, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- [3] E. Turato, Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas, Petrópolis: Vozes, 2008.

- [4] M. Rhode, "Infant observation as research: cross-disciplinary links," in *Journal of Social Work Practice: Psychotherapeutic Approaches in Health, Welfare and the Community*, vol.18, n.3, pp.283-98, 2004.
- [5] M. E. Rustin, "Esther Bick's legacy of infant observation at the Tavistock—some reflections 60 years on," in *International Journal of Infant Observation and Its Applications*, vol. 12, n. 1, pp. 29-41, 2009.
- [6] C. Urwin and J. Sternberg, *Infant observation and research*, London: Routledge, 2012.
- [7] M. Waddell, "Infant observation in Britain: a Tavistock approach," in *International Journal of Infant Observation and Its Applications*, vol.16, n.1, pp. 4-22, 2013.
- [8] M. Rustin, "Infant observation as a method of research," in *Infant Observation and research*, C. Urwin and J. Sternberg (Orgs.), London: Routledge. p. 13-22, 2012.
- [9] L. Oliveira-Menegotto, C. C. Menezes, N. A. Caron, and R. C. S. Lopes, "O método Bick de observação de bebês como método de pesquisa," in *Psic. Clín.*, Rio de Janeiro, v.18, n.2, pp77-96, 2006.
- [10] E. Bick, "Notes on infant observation in psycho-analytic training," in *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 45, pp. 558-66, 1964.
- [11] M. S. I. Souza, *Intervenções terapêuticas conjuntas na unidade de terapia intensiva neonatal e pediátrica*, Mestrado em Psicologia Clínica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2008.
- [12] M. B. Lacroix and M. Monmayrant, *Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- [13] M. P. Mélega, "Metodologia da observação da Relação Mãe-Bebê na Família," in *O olhar e a escuta para compreender a primeira infância*, M. P. Mélega and M. C. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 39-45, 2008.
- [14] D. Houzel, "Observação de bebês e psicanálise, ponto de vista epistemológico," in *Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações*, M. B. Lacroix and M. Monmayrant, Porto Alegre: Artes Médicas. pp. 87-94, 1997.
- [15] J. Laplanche and J. Pontalis, *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- [16] R. S. Maltz, "Observação de bebês – método Bick – uma vivência emocional significativa para a criatividade," *Rev. Bras. Psicanál.*, Vol. 37, n. 2/3, pp. 631-646, 2003.
- [17] M. P. Mélega, "Gerando significados no trabalho com pais-crianças," *Rev. Bras. Psicanál.* Vol.36, n.3, pp. 531-540, 2002.
- [18] A. G. Vivian, *O desenvolvimento emocional de um bebê em uma família numerosa: uma aplicação do método Bick*, Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2006.
- [19] E. M. Migliavacca, "A psicanálise e a universidade: pesquisa," *Psicologia USP*, vol.12, n.2, pp. 119-23, 2001.
- [20] P. Demo, "Sujeito e objeto," *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*, Campinas (SP): Papyrus, 2001. pp. 23-34
- [21] M. Rustin, "Infant observation research: What have we learned so far?," *International Journal of Infant Observation and Its Applications*, vol. 9, n.1, pp. 35-52, 2006.
- [22] W. Hollway, "Afterword," *International Journal of Infant Observation*, vol. 10, n. 3, pp. 331-36, 2007.
- [23] H. Price and A. Cooper, "In the field: psychoanalytic observation and epistemological realism," in *Infant Observation and research*, K. Urwin and J. Sternberg, London: Routledge. p. 53-65, 2012.
- [24] F. M. B. Fernandes and M. R. Moreira, "Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva". *Physis*, vol 23, n. 2, pp. 511-529, 2013.
- [25] E. R. Durham, "A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas," in *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*, R. C. L. Cardoso, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. pp. 17-35.
- [26] R. C. L. Cardoso, "Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método," in *A aventura antropológica: Teoria e pesquisa*, Cardoso, R.C.L, Rio de Janeiro: Paz e Terra. pp. 95-105, 1997.
- [27] G. Velho, *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- [28] R. Da Matta, "O ofício do etnólogo, ou como ter 'anthropological blues,'" *Cadernos do PPGAS*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1974.
- [29] M. J. P. Spink and V. M. Menegon, "A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos," in *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano*, M. J. P. Spink, São Paulo: Cortez, p. 63-92, 2004.
- [30] M. C. S. Minayo and I. C. Z. Guerriero, "Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa," *Ciência & Saúde Coletiva*, vol.19, n.4, pp.1103-1112, 2014.
- [31] S. Clarke and P. Hoggett, *Researching beneath the surface*, Londres: Karnac Books Ltd, 2009.
- [32] W. Hollway and T. Jefferson, *Doing qualitative research differently: Free Association, Narrative and the Interview Method*, London: Sage, 2000.
- [33] N. E. Coelho Junior, P. Salem, and P. Klautau, *Dimensões da intersubjetividade*, São Paulo: Escuta/Fapesp, 2012.
- [34] T. Ogden, *Subjects of analysis*, New Jersey/London: Jason Aronson, 1994.
- [35] N. E. Coelho Junior, "Thomas Ogden e a alteridade em psicanálise. Impulso," vol. 22, n. 55, pp. 59-76, 2012.
- [36] N. E. Coelho Junior, "Intersubjetividade: conceito e experiência em psicanálise," *Psicol. Clín.*; vol. 14, n. 1, pp. 61-74, 2002.
- [37] N. E. Coelho Junior and L. C. Figueiredo, "Patterns of Intersubjectivity in the constitution of Subjectivity. Dimensions of otherness," *Culture and Psychology*, Londres/ Thousand Oaks, CA: v.9, n.3, p.193-208, 2003.
- [38] D. W. Winnicott, "The theory of the parent-infant relationship," in *The maturational processes and the facilitating environment*, D.W. Winnicott, New York: International Universities Press, pp. 37-55, 1960/1965.